

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI

MARIA ISABEL DE ASSIS

Como abordar *frames* dentro da sala de aula acionando-os por meio da leitura no gênero textual *meme*?

SÃO JOÃO DEL-REI – MG

2023

MARIA ISABEL DE ASSIS

Como abordar *frames* dentro da sala de aula acionando-os por meio da leitura no gênero textual *meme*?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Natália Elvira Sperandio

SÃO JOÃO DEL-REI – MG

2023

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a importância do ensino de leitura em sala de aula, destacando a necessidade de considerar as experiências individuais dos leitores para promover uma conexão significativa com o texto. O conceito de *Frames* é introduzido como um mecanismo cognitivo e uma ferramenta discursiva, permitindo aos leitores compreenderem textos com base em experiências e conhecimentos prévios. Esta pesquisa enfatiza que o acionamento desses conhecimentos anteriores torna a leitura mais atrativa, contribui para uma melhor compreensão do conteúdo e estimula o pensamento crítico dos alunos, incentivando-os a questionar e relacionar o texto com suas próprias vivências. Além disso, explora a inclusão do gênero *meme* nas aulas de leitura como uma forma de envolvê-los e destaca o papel do professor em orientá-los a fazerem conexões entre o texto, seus conhecimentos e contextos sociais, culturais e históricos, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica do conteúdo.

Palavras-chave: ensino; experiências do leitor; *frames*; leitura; *meme*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Meme</i> Restaurante	28
Figura 2 – <i>Meme</i> Restaurante Chinês	29
Figura 3 – <i>Meme</i> Escola	30
Figura 4 – <i>Meme</i> Eleição	31

SUMÁRIO

1	Introdução	6
2	<i>Frames</i>: o que são?.....	7
3	A relevância da leitura	13
4	O porquê de se dar importância aos <i>memes</i> e como trabalhá-los em sala de aula?.....	22
5	A proposição do ensino de leitura através dos <i>frames</i>	27
6	Considerações Finais	31
	Referências	34

1 Introdução

Muito se discute sobre a importância do ensino de leitura dentro de uma sala de aula. No entanto, por diversas vezes, algumas atividades que são realizadas não compreendem que sejam necessárias levar em consideração as experiências de cada leitor, de forma que promova uma troca entre o texto e as circunstâncias ao redor desse indivíduo. Se isso acontecesse, permitiria com que ele se relacionasse e se conectasse com o que está lendo, uma vez que para que se possa ocorrer um entendimento preciso de um texto, é fundamental que ele consiga realizar algumas construções e ativamentos. Assim, quando é possível então que o leitor atinja certo nível de compreensão e produza alguns sentidos, chamamos tais conhecimentos de *frames*.

É por meio dos *frames* que as pessoas são capazes de compreender a complexidade do mundo, baseando-se em experiências e, até mesmo, nos conhecimentos prévios. Além de serem mecanismos cognitivos, os *frames* também são essenciais ferramentas discursivas, pois podem ser acionados, inclusive, por itens lexicais a fim de convencer o leitor a respeito de algo e/ou por meio do seu ponto de vista.

Dessa forma, destacam-se alguns fatores a serem considerados que podem ser vantajosos para esse trabalho na leitura. Primeiro que, com o acionamento de conhecimentos prévios, deixará a leitura mais atrativa e possuindo um significado ao se estudar aquilo. Outro motivo é o de que contribui para uma melhor compreensão do conteúdo, conseguindo inferir os significados do que está sendo abordado. E, por fim, um dos principais, é que com essa proposição, há uma colaboração para que fomente um pensamento crítico no discente, incentivando-o a questionar o que está presente no texto, além de relacionar com as suas vivências.

Para que o ensino de leitura no ambiente de uma sala de aula se torne ainda mais atrativo, não se deve descartar um dos gêneros mais recentes, que surge cada vez com mais frequência na *internet* e que está bastante presente na vida dos alunos: os *memes*. Saber trabalhar com esse gênero em uma classe pode ser desafiador, mas também muito produtivo, já que pode ser considerado um meio mais fácil de chegar até o estudante. Para isso, o objetivo deste trabalho é apresentar alguns exemplos que podem ser encaixados nas aulas de leitura, junto dos *frames*.

Analisando em como o profissional pode se envolver e acompanhar esse processo destaca-se que ele possa contribuir para que os estudantes encontrem, por exemplo, palavras-

chave para que realizem conexões entre o texto e os seus conhecimentos e, assim, eles trarão para a leitura o que já sabem sobre o que está sendo visto.

Além dessa abordagem, o professor pode inserir também e demonstrar os contextos culturais, sociais e históricos que ajudarão a moldar a compreensão de um assunto. Desse modo, os alunos conseguirão compreendê-lo de forma ainda mais profunda e crítica. A partir de tais ensinamentos e colaborações, os discentes poderão considerar suas próprias experiências e perceber como o contexto pode influenciá-los, por meio da percepção de diferentes perspectivas, sendo capazes de notar a empatia ou os preconceitos e estereótipos que podem estar presentes em uma leitura, mas que não estejam tão explícitos. Logo, considera-se que haverá várias interpretações para um mesmo texto, já que cada aluno implicará suas próprias experiências.

Por isso, primeiro, o objetivo deste trabalho é tratar sobre o que são os *frames* e como eles se aplicam, em seguida, prosseguir para a abordagem de leitura e para o gênero *meme* e, por fim, analisar algumas propostas do ensino de leitura através dos *frames*.

2 Frames: o que são?

Nota-se que, muitas vezes, é difícil para um indivíduo conseguir atingir as diversas complexidades presentes no mundo. Desse modo, é preciso que ele se baseie em *frames* para conseguir classificar e interpretar as experiências a sua volta. Por intermédio deles, é possível construir diversos significados e perceber várias visões de mundo. Por isso, segundo Ferrari (2011), a *Semântica de Frames*, uma abordagem de Charles Fillmore, tem como organização as estruturas mentais em que ajudam um indivíduo a categorizar e entender o que está ao seu redor no mundo, de modo que consiga representar seus conhecimentos.

Por meio dos *frames* ou esquemas, um ser humano é capaz de relacionar alguns conceitos a determinadas situações, visto que, para o autor, uma palavra sempre está relacionada a um contexto maior. Para que esse acionamento ocorra, é necessário que haja uma ligação do significado com a experiência humana, logo, entende-se que “não existe linguagem humana independentemente da interação e do contexto sociocultural” (Chishman, 2019, p. 3), ou seja, uma depende da outra para que aconteça.

Assim, conforme Duque (2017), percebe-se que há uma noção de corporalidade¹ entre homem e ambiente, condição inicial para um desenvolvimento cognitivo. Segundo o autor, o

¹ De acordo com Duque (2017), a noção de corporalidade mencionada é a defendida por Shapiro (2011), em que “a integração homem-ambiente constitui-se como condição inicial para o desenvolvimento do sistema cognitivo.

cérebro é reconhecido como um recurso que possui uma resposta rápida aos processos que dependem dessas informações perceptuais que podem não estar presentes ao entorno do ambiente. Desse modo, dá-se o nome de *frames*, que são mecanismos capazes de acionarem e reconhecerem o que está no mundo, de acordo com as experiências do indivíduo.

Como exemplo, pode-se indicar o termo “restaurante” em que é possível acionar determinados *frames*, de acordo com as vivências de cada pessoa. Nesse ambiente, de forma geral, ativa-se que há certos tipos de comidas, funcionários, que a pessoa deve pagar pelo que comeu, que tem certos horários de funcionamento, entre diversos outros conceitos. Entretanto, deve-se levar em consideração que em determinados tipos de restaurantes será possível atender a certas concepções, podendo ocorrer ainda *frames* mais específicos, como “restaurante chinês” em que haverá características particulares, como a comida típica, mas que não deixará de resgatar o *frame* geral “restaurante”.

Outro termo que podemos pensar é a “escola”. Alguns elementos podem ser ativados quando se pensa nesse ambiente, em como essa instituição geralmente é organizada, quais são os profissionais que ali trabalham e como ela é constituída. Por exemplo, na escola há: salas de aulas, professores, alunos, funcionários que trabalham na secretaria, direção, auxiliares de limpeza e assim por diante. Outros conhecimentos que podem ser acionados quando se fala em escola é que, na maioria das vezes, os indivíduos pensam que as pessoas vão até lá para ensinar ou aprender. Com isso, quando alguém fala alguma frase que usa essa palavra como exemplo, podemos usar os *frames* para entender o que há por trás para compreender o significado de algumas coisas.

Assim sendo, verifica-se que a Semântica de *Frames* é uma forma de organizar e entender diferentes conceitos, de modo que facilite a compreensão da linguagem. E pensando conforme a perspectiva enciclopédica² há de se ter um ponto de vista experientialista. Em outras palavras, aciona-se um conjunto de vivências e conhecimentos, envolvendo relações sociais e interação entre outras pessoas. Com isso, os *frames* são ações que advém de experiências humanas.

Nessa abordagem, nossos corpos, orientados pela percepção, executam tarefas específicas, guiadas por intenções, tais como alcançar objetos, chegar a locais específicos, escalar locais íngremes etc. Nesse sentido, a interação direta entre organismo e ambiente fundamenta e perpassa todo e qualquer processo cognitivo” (Duque, 2017, p. 22).

² Relacionada à Semântica de *Frames*, a perspectiva enciclopédica refere-se a uma abordagem que busca entender e representar o significado das palavras e frases em um contexto mais amplo. Envolve a construção de uma rede conceitual extensa e interconectada que mapeia os diferentes *frames*, suas relações e conexões. Isso permite que a semântica das palavras seja tratada de forma mais complexa, considerando a circunstância em que são usadas e os conhecimentos gerais que os falantes têm sobre o mundo.

Por se tratar de vivências individuais, de acordo com Chishman (2019), para Fillmore, determinados usos linguísticos podem ser alterados, já que cada indivíduo possui um conhecimento diferente devido ao mundo ao seu redor, ou seja, cada pessoa passa por experiências diversas na vida. Como exemplo, ele cita o *frame* café da manhã, em que determinadas culturas terão interpretações diferentes. Apesar de se tratar de um mesmo *frame*, visto que o café da manhã é conhecido como a primeira refeição do dia e geralmente consumido após acordar, para alguns lugares na sociedade, ele pode conter alimentos em que outras não terão.

Por isso, entende-se que quando um sujeito, em determinada sociedade ocidental ou oriental, reconhece algum evento, ele tende a acionar certos *frames*, seja um ou mais deles. Desse modo, compreende-se que a cultura é fundamental, visto que ela exerce papel principal para a determinação da construção dos *frames*, pois como o acionamento acontece devido às experiências de um indivíduo, a sociedade e a cultura em que ele está inserido contribuem e influenciam em suas percepções, realizando uma compreensão de acordo com o ambiente em que se relaciona.

Outra significativa contribuição é a de Ferrari (2011), que aborda que algumas organizações de conhecimento são guardadas na memória e tornam-se fundamentais para a construção do significado. Ela ainda esclarece que é por causa dessas estruturas que é possível que ocorra a interpretação que envolva mais informações do que as que são realmente explícitas na forma linguística.

Como exemplo, pode-se verificar pela expressão *fim de semana*, em que, no sentido literal indicaria somente os dois últimos dias da semana e não é o que acontece na prática. A autora informa que para o indivíduo entendê-lo, é necessário que acione o calendário, que entenda que uma semana tenha sete dias, que haja divisão entre os dias de trabalho e os de descanso. Em consequência, o fim de semana tem como destaque dois dias, sábado e domingo, que, geralmente, são os dois dias que a maioria da população utiliza para descansar. Contudo, o fim de semana engloba o último dia de uma semana e o primeiro da próxima que irá começar. Se as pessoas fossem realizar uma leitura em sentido literal da expressão “fim de semana”, essa análise não corresponderia, já que o esperado seria realmente os últimos dois dias da semana, sexta e sábado. Com isso, interpreta-se que como os *frames* são ativações que acontecem por meio de experiências próprias, essas constatações são as que mais ocorrem por meio dos indivíduos.

Ferrari (2011) também esclarece que o significado de algumas palavras apresenta a mesma coisa no mundo, mas que pode ser apontado a partir de diferentes *frames*, como as

palavras *terra* e *solo*, em que ambas fazem referência a um espaço de aparência seca. No entanto, a primeira é em oposição ao sentido de mar e a segunda ao ar.

Outra abordagem da autora é a de que os significados das palavras são muito importantes quando ocorre um contraste para se remeter as mesmas coisas, mas em idiomas diferentes. Diante disso, Ferrari (2011) aborda os exemplos de *flesh* e *meat*, que, para a língua inglesa, mesmo que as duas signifiquem carne, cada uma é utilizada em situações diferentes (a primeira é usada para o sentido anatômico e a segunda se refere à parte que se utiliza para alimentação). Já para a língua portuguesa, apenas uma palavra é usada para ser relacionada aos diversos contextos.

Desse modo, entende-se que a noção de *frame* pode acarretar em algumas suposições ao entendimento dos conceitos e significados. A visão que se tem, no modo tradicional, é a de que certas palavras são correspondidas a determinados conceitos, caracterizados como particulares. Por isso, a noção de *frame* provoca tal teoria, visto que ela vê o sentido de acordo com a função.

Sendo assim, pressupõe-se que outro conceito referente aos *frames*, de acordo com Medeiros (2019), é o de palavras simples serem associadas a um *frame* completo. Para exemplificar, a autora utilizou o *frame* “cinema”, que é capaz de acionar diversos elementos, dependendo da experiência individual de cada pessoa. É possível mencionar tanto informações básicas e gerais sobre cinema, como local que se assiste a um filme, possuem poltronas e salas escuras, quanto informações mais complexas que podem ser características de determinado ambiente, que dependerá de quem estará mencionando algo sobre o *frame*.

O exemplo exposto por Medeiros (2019) demonstra com bastante clareza o *frame* “cinema” sendo utilizado em referência a um cinema específico, possuindo características bem demarcadas em relação àquele espaço. O trecho que ela aborda manifesta pontos positivos por parte de quem frequentou aquele ambiente em questão. As escolhas feitas pela pessoa que visitou aquele local demonstram terem sido intencionais e graças a esses comentários, entende-se que há argumentos para defender aquele cinema.

Logo, entende-se que o acionamento de determinados *frames* pode estar relacionado com a opinião do indivíduo, visto que ele pode ativar o que lhe chama atenção e o que já passou como experiência, sendo pontos positivos ou negativos. Os *frames* além de serem mecanismos cognitivos, também são fundamentais ferramentas discursivas, pois podem ser acionados, inclusive, por itens lexicais a fim de convencer o leitor a respeito de algo, por meio do seu ponto de vista.

Outro ponto importante é o de que, segundo Duque (2017), os *frames* podem ser simples, possuindo poucos papéis, reduzindo-se a esquemas imagéticos. Assim, ele categoriza *frames* em dois grupos: os linguísticos e os interacionais.

Nos *frames* linguísticos podem haver a distribuição do material linguístico, mas também conter implicações aos cenários em que os itens linguísticos não são usados e dentro desse grupo de *frames* encontram-se seis dimensões.

A primeira dimensão é a esquemática dos *frames*, que consiste em caracterizar os esquemas imagéticos como modelos cognitivos fundamentados nas interações perceptuais de objetos. Para isso, o autor utiliza os exemplos dos roteiros “CAMINHAR PARA O SUPERMERCADO” e “PROCURAR LEITE NA PRATELEIRA”. Como experiência, pode-se interpretar que os *frames* GARRAFA e SUPERMERCADO constituem-se de inúmeros aspectos diferentes, todavia, do ponto de vista dos esquemas imagéticos, todos os dois se enquadram no esquema CONTÊINER, pois ambos possuem um limite, dentro e fora, cheio e vazio, ou seja, mesmo que cada um tenha uma característica específica, é possível realizar associações entre eles. GARRAFA pode estar vazia ou cheia de líquido e SUPERMERCADO pode estar cheio ou vazio de pessoas, por exemplo.

A segunda dimensão é a conceptual básica do *frame* e Duque (2017) alega que os *frames* são organizados de acordo com itens lexicais particulares. Ele justifica que é possível a realização de inferências por meio de *frames* conceptuais básicos para se chegar a *frames* complexos sem que haja a necessidade de manifestar um grupo esgotante de termos e expressões.

A terceira dimensão é a de evento do *frame* em que o autor aborda que a dimensão conceptual básica até proporciona os conceitos acerca de algo, no entanto, cada situação estabelecerá uma relação própria. Para isso, descrever um evento exige conhecimento a respeito de circunstâncias prévias e são necessárias algumas observações. Como exemplo, usado por ele, é que para CORRER e COMPRAR há necessariamente o respectivo de CORREDOR e COMPRADOR.

A quarta dimensão é a de roteiro do *frame*, em que o Duque (2017) afirma que roteiros são eventos que seguem uma estrutura cronológica, caracterizados como sequências que podem guiar as experiências dos indivíduos, ou seja, criam um molde para que saibam agir diante de determinadas situações. Com isso, segundo o autor, quando não se segue os roteiros, acontecem as quebras de expectativas, que podem gerar humor, ansiedade, tristeza. Um exemplo de roteiro, portanto, seria o *frame* CASAMENTO.

A quinta dimensão é a de domínio específico do *frame*, em que o pesquisador afirma que os *frames* são associados a certos domínios conceituais específicos. Contudo, alguns podem gerar certos conflitos devido ao senso comum. Para explicar, Duque (2017) utiliza os modelos de ASSASSINO e INOCENTE, que nos remete ao domínio de justiça. Porém, quando se diz HOMICÍDIO-DOLOSO e HOMICÍDIO-CULPOSO pode gerar uma pequena confusão, devido à primeira expressão significar que houve a intenção de matar e a segunda não. Mesmo que um indivíduo tenha matado alguém, ele pode ser considerado inocente, pois não teve a intenção.

A sexta e última dimensão é a sociocultural do *frame*, em que se relaciona ao papel de orientar ações diante de expectativas à frente de uma sociedade. Com isso, entende-se que há certos modelos a serem seguidos que dizem respeito a determinados grupos sociais, que podem ser passados de pessoa para pessoa, denominando-se TRANSFERÊNCIA. Nesse caso, segundo o autor, pode acontecer de ser passado algo bom ou ruim, constituindo-se de “ganho” ou “perda” e que gera o funcionamento de uma sociedade.

De acordo com Duque (2017), há ainda o grupo de *frames* denominados de interacionais, em que o autor informa que eles se relacionam com as interações sociais conforme a compreensão na comunicação. Isto é, acontece quando há uma relação entre o ouvinte e o falante por meio da interação comunicativa ou de um autor e leitor. Ele enfatiza que, para Fillmore, esse tipo acontece devido ao indivíduo (ouvinte/leitor) conhecer a situação e as intenções do outro indivíduo (falante/autor), conhecendo, portanto, os eventos de fala e contribuindo para a compreensão.

Assim, pode-se citar o *frame* CUMPRIMENTO, que apesar de mudar de uma cultura para outra, indica uma circunstância de comunicação, podendo ser determinada por um “bom dia”, “boa tarde” ou “boa noite” e que são utilizadas de acordo com cada situação, sobre condições contextuais específicas. Desse modo, compreendem-se que *frames* podem ser considerados padrões de interação que são distribuídos por meio da linguagem e que conduzem as condutas dos indivíduos diante de determinadas situações.

Outro exemplo também é que um indivíduo pode acionar termos que remetem a coisas que não são visíveis, como “amor” e “solidão”, em que não podem ser notadas, mas percebidas e entendidas perfeitamente, compreendendo do que se trata e qual a visão que as pessoas têm.

Em vista disso, entende-se que os *frames* têm a capacidade de tornar um entendimento mais profundo e contextualizado do conhecimento, permitindo que os seres humanos

compreendam e interajam com o mundo de uma maneira mais rápida e eficaz, colaborando para uma melhor percepção das coisas que os rodeiam.

Na leitura não é diferente. Segundo Lima (2021), para que um indivíduo consiga atingir o entendimento de um texto de forma precisa, é fundamental que ele possa realizar a construção e ativamento dos *frames*. Quando o leitor está realizando a leitura de alguma coisa, acontece uma mescla de informações, pois cada pessoa ativa seus conhecimentos prévios, selecionando o que mais lhe interessa, visto que as integrações são construídas de acordo com os *frames* de cada indivíduo junto das informações contidas em um texto.

No entanto, sabe-se também que essas compreensões podem ser alteradas ou até mesmo acrescentadas devido às interações que o ser humano desenvolve com o meio social que o cerca. Por isso, é importante, na leitura, não haver o foco na decodificação das palavras, mas sim nos significados que elas evocam, acionando os conhecimentos prévios, já que a linguagem e a realidade que cerca o indivíduo estão relacionadas.

Um ponto importante que deve ser considerado é o de que o acionamento de *frames* deixa a compreensão mais rica e contextualizada com o mundo que cerca a pessoa, já que ocorrem interações, colaborando para que fique mais organizado e mais fácil de entender determinados conceitos.

3 A relevância da leitura

Sabe-se que ter acesso ao aprendizado de leitura é um dos diversos desafios que se encontram em um ambiente escolar e que pode ser considerado um dos mais exigidos pela sociedade. Desse modo, torna-se imprescindível que algumas medidas sejam tomadas para que os alunos e professores possam perceber que há uma necessidade de exercerem atividades voltadas para a leitura e que possam ser desenvolvidas nas escolas.

Segundo Ferreira e Dias (2002), há uma relevância da leitura para se viver em uma sociedade e, por isso, destacam que é na escola que ela acontece de forma sistematizada. No entanto, nota-se que ainda é bastante comum que as instituições sejam vistas como um ambiente que tem como objetivo a alfabetização, ou seja, com foco em atender algumas exigências para o desenvolvimento de trabalhos que se constituíam de repetição, sem precisar refletir sobre o que estavam exercendo.

Logo, percebe-se que o ensino de leitura tornou-se algo mecanizado, desinteressante e sem nenhum estímulo, pressupondo que todas as pessoas possuem as mesmas capacidades e desenvolvem as mesmas habilidades, fazendo com que a leitura seja vista como algo que não

faz parte do envolvimento de atividades sociais e compartilhadas. Embora muito tempo tenha se passado, a imagem que se tem sobre isso até então permanece a mesma.

Uma consideração importante que não deve deixar de ser mencionada é a de que com o surgimento de tantas tecnologias, tem tornado cada vez mais fácil com que a leitura perca suas forças. Mesmo na atualidade, ela ainda é o método mais eficaz para o acesso à informação, visto que por meio do ato de ler é possível que o indivíduo construa suas próprias reflexões, consiga confirmar ou descartar suas próprias questões, além de sempre aumentar seu repertório sobre os significados.

Desse modo, compreende-se que o ensino de leitura se aprende lendo, sendo necessário que o estudante esteja em contato com diversos tipos de textos no cotidiano e demonstrando indagações sobre as coisas que o cerca, já que para realmente ler não se deve apenas decodificar códigos, mas sim de fato imergir na leitura, enxergando o que se está além das palavras.

Conforme Ferreira e Dias (2002), é necessário que haja algumas etapas a se percorrer para que o ensino de leitura seja totalmente eficaz. Elas se constituem de momentos antes, durante e pós a leitura realizada para que contribua para uma melhor compreensão do que se lê.

Entretanto, entende-se também que a leitura não pode ser “ensinada”, portanto, a função de um professor é disponibilizar e facilitar o seu acesso por meio de uma infinidade de textos, pois ela não pode ser exposta de forma isolada, mas sim contextualizada com a realidade que cerca o estudante, para que assim ele possa compreender os sentidos presentes nela. Além disso, não é só a escola a única responsável pela leitura, mas toda a sociedade que está ao seu redor, devendo se envolver, visto que é necessário que a leitura esteja relacionada com o externo e o cotidiano do discente, ocorrendo também um comprometimento da comunidade. Contudo, deve-se esclarecer que não se pode esperar que as ações partam somente da comunidade. É essencial que os professores ofereçam atividades e que a iniciativa para que a mudança aconteça surjam deles.

Outro fato importante que não pode ser desconsiderado é o de que muitos docentes não demonstram afeto pela leitura, mas exigem que seus alunos leiam. Como se sabe, o exemplo arrasta. Portanto, é imprescindível que os professores tornem-se leitores, passando a ter envolvimento e contato direto com os livros e tomem gosto, servindo de espelho para os discentes, para que assim façam com que eles também construam o interesse pela leitura. Percebe-se também que a escola ainda não tenha conseguido atingir um nível satisfatório em relação ao aluno-leitor, em que ele consiga desenvolver atitudes críticas e reflexivas. Por isso,

torna-se tão fundamental o progresso de métodos e estratégias para compreensão de leitura, não a deixando tão limitada.

Desse modo, seguindo algumas dicas de Ferreira e Dias (2002), há algumas maneiras que podem ser utilizadas dentro de uma sala de aula. A primeira ideia a ser enfatizada é a de que nem o aluno e nem o professor devem ser o centro do processo. Eles precisam revezar seus papéis, de modo colaborativo. Já a segunda maneira é a de que o educador tem de orientar o educando, de forma que construa condições favoráveis para ele. E a terceira é a de que os desafios estejam um pouco além do que o discente consiga solucionar individualmente. Assim, estarão realizando um trabalho que consiga nortear o aprendizado de leitura no ambiente escolar. Em sequência desse trabalho, os professores deverão retirar suas ajudas gradativamente para que dê certa autonomia ao aluno.

Com isso, compreende-se que para que o estudante consiga realmente desenvolver habilidades de leitura eficientes, é necessário envolver situações de aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar. O leitor precisa estar engajado e perceber que não se trata de leituras mecanizadas, mas prazerosas e que irão permiti-lo desenvolver reflexões bastante enriquecedoras para seu aprendizado. Todavia, a escola precisa colaborar para um ensino diversificador, receptivo e que esteja preparado para as mudanças que são fundamentais. Por isso é tão importante a execução de estratégias que visam um leitor independente e autônomo, que demonstrará a leitura como atividade social, permitindo ao indivíduo o exercício no seu cotidiano.

Em consonância com Freire (2003), é essencial levar em consideração toda a circunstância para a compreensão de um texto. Dessa forma, o autor diz que quanto mais próximo o aluno estiver do mundo ao seu redor, mais ele conseguirá compreender o que é a leitura. Por esse motivo, torna-se importante que as atividades de leitura não sigam modelos tradicionais em que precisem ficar soletrando palavras, no entanto que elas proporcionem momentos que lhes sejam verdadeiros aprendizados.

Um ponto bastante relevante mencionado por Freire (2003) é a exigência de alguns professores de que os alunos realizem inúmeras leituras. Para ele, ler muitas coisas pode significar que o indivíduo não absorva praticamente nada. Não importa a quantidade, mas sim a qualidade da leitura, visto que se tiverem muitas exigências em relação à primeira, os discentes poderão realizá-la de forma rápida, não adentrando totalmente ao texto e não focando no que realmente seria o essencial: compreendê-lo e relacioná-lo com o seu sentido no mundo.

O que se predomina atualmente é um ponto de vista de que a leitura seja voltada para uma prática social. Logo, a leitura é relacionada a uma situação em que o leitor se encontra, às determinadas experiências que ele já passou e aos objetivos que se deseja alcançar. Compreende-se que o modo de ler é inseparável do contexto em que o indivíduo se depara, pois demonstram a construção social de saberes. Por isso, entende-se que todas essas relações envolvem diferentes modos de ler.

De acordo com Martins (1994), apesar de muitos anos já terem passado, atualmente, certos métodos de ensino de leitura ainda permanecem, enfatizando um aprendizado em que não visa à função da leitura e o porquê de fato deve se aprender a ler, em que priorize uma educação suficiente.

Nota-se que muitos alunos não possuem o hábito da leitura, o que dificulta o processo de ensino. Dessa maneira, é necessário que identifique quais os motivos que os levam a não criar essa prática. Sabe-se que uma das principais causas é o fato de que muitos indivíduos não têm contato ou acesso a livros. Portanto, apenas conhecem o livro didático disponível e utilizado durante as aulas. Sendo assim, eles não se aproximam da infinidade de leituras que poderiam ser contempladas, que têm modelos estimulantes, pois, na grande maioria das vezes, os livros didáticos não são bem organizados e desenvolvidos para trabalhar a questão de leitura como deveria. Outra razão é a situação socioeconômica dos cidadãos do país que ainda é um dos fatores de grande influência que impedem a aquisição dos exemplares. Segundo Martins (1994), os livros didáticos ainda estão longe de serem considerados materiais de leitura. Logo, é necessário que os docentes tentem contornar as situações que lhes são impostas, de forma que possam agir de modo que lhes sejam ofertado.

É extremamente significativo que se compreenda que a leitura é como um meio cultural, indo além dos limites que são impostos nas escolas, de modo que possam abranger um meio histórico. A leitura é capaz de se tornar algo pessoal, visto que ela pode estar relacionada a uma experiência do indivíduo, de modo que cada um tenha uma forma de interpretá-la. Por isso, o contexto social que uma pessoa vive influencia na percepção e na apreciação de uma leitura, bem como os sentimentos e as circunstâncias que o cercam naquele momento. Dessa forma, entende-se que seja significativo que o docente consiga criar condições favoráveis para a leitura de seu aluno, propiciando algo que seja de seu interesse, para que assim ele possa se relacionar. Em vista disso, é preciso aprender que a leitura não deve ser vista como apenas um instrumento de poder e/ou como forma de dominação.

Para isso, Martins (1994) afirma que é significativo que haja três níveis básicos de leitura, denominando-os de sensorial, emocional e racional e que exista uma relação entre

eles, visto que a leitura é dinâmica, pois ao ler, cada pessoa terá uma reação diferente, sentirá um prazer e reagirá de algum modo.

O primeiro nível começa ainda na infância, com a presença do lúdico. É possível mostrar ao leitor o que ele gosta ou não, fazendo com que se interesse, já que há a frequência do toque, do sentir e do ouvir. Antes de um livro ser um texto escrito, ele é um objeto que pode ser folheado, sentido, experimentado e, assim, que pode despertar um interesse na criança quando puder passar por essa experiência. É de extrema importância o contato com os livros desde pequenos, pois isso influencia e demonstra à criança que não é um mero brinquedo, mas sim uma essencial ferramenta de conhecimento. Segundo a autora, entende-se que provavelmente apresentar um texto para uma criança seja mais fácil do que para um adulto, já que ela tende a querer encontrar tudo que é novo para que possa se desenvolver, sendo curiosa para descobrir as coisas do mundo, o que para o adulto seria diferente.

Na leitura emocional, como o nome já diz, sugere a emoção e, assim, pode fazer com que o leitor se perca e se deixe levar pelas armadilhas que possam ser traçadas. Por isso, é muito comum, que depois de um tempo, se uma pessoa torna a ler o mesmo livro novamente, possa enxergar de forma diferente o que foi abordado, pois estará em outra situação de sua vida ou não estará tão “amarrado” assim como estava. Muitas vezes, guardamos lembranças de um livro que nos marcou e que com o passar do tempo elas podem se tornar referências em nossas vidas. Ou quando lemos algo para uma prova, por exemplo, nos faz não gostar do que estamos lendo e até mesmo criar uma repulsa sobre aquele texto. Desse mesmo modo, esse texto também ficará marcado.

Preocupa-se também que a leitura deva ser realizada de maneira que não se foque apenas com a forma com que ela foi criada e, assim, que possa ser consumida enquanto um passatempo, relaxante, sendo utilizada, até mesmo, como forma de escape da realidade. No entanto, o que deve ser mencionado é o de que tudo o que se lê também deve ser levado em consideração, já que há parte de uma intencionalidade por trás da criação, pois o modo como o autor de um livro escreve e se posiciona nele também pode levar a uma influência. Todavia, a resposta que o leitor dá para aquilo que leu também importará, dependendo das circunstâncias em que ele se encontre.

Uma visão que deve ser considerada é a de que a leitura utilizada para distrair não torna um leitor incapaz. É importante dar liberdade à pessoa e deixá-la fazer o que deseja. E se a leitura é utilizada com essa finalidade, é muito melhor do que para aquele que não lê.

O terceiro nível proposto por Martins (1994) seria a leitura racional, em que ela argumenta que para muitas pessoas essa seria a considerada a que é capaz de desenvolver um

nível sério de intelectualidade e que pressupõe uma ideia de um estudo mais formal. Nesse caso, os leitores leem um texto sem envolvê-lo com o ambiente social que os cercam. Esse tipo de leitura estabelece uma conexão entre o leitor e o conhecimento, permitindo, assim, que haja uma possibilidade de reflexão, de modo que leve o indivíduo a despertar alguns questionamentos, o que proporciona com que ele amplie suas perspectivas.

Conforme Martins (1994), é bastante comum confundir a leitura racional com uma investigação de um texto, preocupando-se com as partes internas que o compõem, sem estudá-lo, correspondendo a uma visão de mundo. Segundo a autora, na leitura emocional, o leitor deixa-se envolver pela leitura e pelos sentimentos que podem despertá-lo. Já na racional, ele tende a querer compreender o texto e questioná-lo. Desse modo, compreende-se que ela caracteriza por uma leitura mais dura. Por isso, é importante que o leitor mantenha uma variedade de leituras em seu repertório, visto que quando ler algum texto que pode ser considerado de nível mais exigente, ele terá experiências que poderão colaborar, diversificando seu ponto de vista e, assim, podendo realizar inúmeras inferências.

Entende-se que não se deve imaginar que entre os níveis básicos de leitura um seja isolado do outro e que não tem de existir uma hierarquia entre eles. Contudo, é comum que um tipo de leitura anteceda o outro. E, por fim, outro fator que pode ser considerado é o de que uma leitura possa mudar seu nível conforme o indivíduo for lendo. Como exemplo, Martins (1994) demonstra que em um dia uma leitura pode desempenhar uma função em que não signifique nada para quem está lendo, mas em outro momento pode emocioná-lo ou levá-lo a reflexões. Logo, um texto nunca deve ser considerado como algo estático, com apenas uma função.

Portanto, a autora esclarece com um pequeno resumo sobre cada nível básico de leitura.

A leitura sensorial tem um tempo de duração (...) os sentidos (...) *aqui e agora*. A leitura emocional é mais mediatizada pelas experiências prévias, pela vivência anterior do leitor. (...) Já a leitura racional tende a ser prospectiva, à medida que a reflexão determina um passo à frente no raciocínio, isto é, transforma o conhecimento prévio em um novo conhecimento ou em novas questões (...) (Martins, 1994, p. 80-81).

Por isso, compreende-se a importância de promover leituras que chamem a atenção dos alunos, de modo que possa interessá-los e, assim, fazer com que eles realizem diversas inferências que estarão relacionadas aos níveis básicos propostos pela autora.

Visando ao método de ensino de leitura nas escolas que ainda é bastante precário e que mesmo havendo muito esforço por parte dos docentes, Botelho e Vargas (2021) também sugerem que há muitas medidas a se tomar e diversas coisas a se alcançar com o desempenho que se deseja. Assim, percebe-se que os alunos não conseguem realizar as inferências necessárias nos momentos anteriores, durante e pós a leitura.

Para isso, indicam que haja um foco no processo de aprendizagem, bem como surge a elaboração do significado por meio da leitura em sala de aula e, assim, as construções de sentidos do mundo ao redor do indivíduo. Desse modo, compreende-se que a interação ocorre com todo o ambiente em sua volta, com as circunstâncias que o cerca e com as experiências que o aluno carrega consigo. Em razão de toda essa interação, constroem-se os *frames*. E, segundo os autores, entende-se que a cognição da linguagem é toda experiencial, uma vez que ela se baseia em vivências sociais e físicas do ser humano.

Um fato importante, portanto, que deve ser considerado é o de que a leitura realizada por uma pessoa também sofrerá interferências na construção de sentido, pois sua interpretação pode variar dependendo de quem a realiza e de quais as suas experiências. Porém, para que uma leitura seja de fato bem compreendida, é necessário que o leitor tenha conhecimentos para serem ativados. Segundo Botelho e Vargas (2021), os saberes que podem ser ativados de forma inconsciente são chamados de *frames*. Todavia, se o indivíduo não conseguir acionar seus conhecimentos prévios, a leitura não poderá ser assimilada da forma que se espera. De acordo com os pesquisadores, no entanto, somente o acionamento de *frames* por parte do leitor não é o suficiente para a compreensão de um texto, visto que este também contribui de maneira igual para a construção de significados.

Desse modo, é imprescindível o método para a construção de significados em um texto, sendo compreendido como inferenciação, em que ocorre uma leitura integrada, de modo que os leitores produzam integrações de forma espontânea. Ou seja, tais inferências não são explícitas no texto, mas sim construídas ao decorrer da leitura, mesclando novas informações. Logo, entende-se que essa construção de inferências é um processo básico de produção de novos significados. Para que isso aconteça, essa construção se dá por meio do conhecimento prévio, que são os *frames*, e pelas informações visuais. Assim, a junção dessa integração, ocorre em uma mesclagem.

Em vista disso, verifica-se que para cada leitor acontecerá uma diferente mescla, já que cada pessoa ativará seus conhecimentos prévios porque é algo individual, o que depende de suas próprias experiências. Portanto, cada um seleciona o que mais lhe interessa, visto que

as integrações são construídas de acordo com os *frames* de cada indivíduo junto das informações contidas em um texto.

Por isso, pressupõe-se que a escola tem um papel fundamental: o de levar os alunos a refletirem sobre essa realidade que é construída por meio dessas inferências. Assim, mostrará ao estudante que ele deve se tornar um sujeito crítico, por meio das integrações que acontecem na leitura. Todavia, é necessário frisar que os alunos precisam entender a importância das atividades que estão desenvolvendo, pois assim saberão selecionar os procedimentos adequados.

Conforme Botelho e Vargas (2021), é importante que haja um gerenciamento de ações voltadas para a leitura, pois assim facilitará para que o aluno desenvolva ações decisivas sobre o que está realizando. Dessa forma, é significativo que algumas estratégias sejam estabelecidas, como o objetivo da leitura e as informações relevantes que devem ser empregadas para uma melhor compreensão, pensando nos sentidos e relacionando-os aos conhecimentos prévios do leitor.

Um ponto considerável que já foi mencionado anteriormente é o de que toda leitura depende do texto e de quem lê. Assim, a leitura não deve se distanciar dos conhecimentos prévios que um aluno carrega com ele, pois ela envolve o ambiente social que o cerca. Para isso, dois planos relacionados às inferências devem ser apresentados. O primeiro seria o de desenvolver tarefas em que os alunos consigam perceber tais inferências e orientá-los em suas reflexões. E o segundo, propor objetivos para as leituras e levá-los a refletir em como as inferências podem atuar na formulação de hipóteses.

Para a realização desses dois planos, é necessária a elaboração de algumas propostas, como as questões de pré-leitura, que utilizam os conhecimentos prévios do aluno; as questões realizadas durante o momento da leitura, que possibilitarão a construção de inferências; e as questões de pós-leitura, que permitirão refletir sobre as inferências construídas ao longo do texto. Logo após os questionamentos, é importante ressaltar para o discente que toda inferência que foi construída representa hipóteses levantadas, sendo necessária a verificação das informações.

Assim sendo, Botelho e Vargas (2021) apontam que se torna cada vez mais indispensável que, no ambiente escolar, sejam realizadas atividades que desenvolvam visões cognitivas, voltadas para a problematização, associando-se aos conhecimentos prévios dos estudantes, pois, dessa forma, acrescentarão novas informações ao que já sabem.

Por esse motivo, de acordo com Lima (2021), a leitura é a interação entre quem lê e o que é lido. Em vista disso, percebe-se o porquê da importância de considerar as experiências

de cada pessoa. A leitura é uma troca entre o texto e o leitor e com as circunstâncias ao seu redor. Por isso, é importante demonstrar estruturas conceituais complexas, chamadas de *frames*. Estes *frames* são relacionados com a estrutura do ambiente, contribuindo para a construção de sentido ao compreender o mundo ao seu redor. Logo, entende-se que essas compreensões podem ser alteradas ou até mesmo acrescentadas devido às interações que o ser humano desenvolve com o meio social que o cerca.

Deste modo, compreende-se que a leitura se constitui como um processo de formação do sujeito, por isso, é considerada tanto mental como de interação, visto que conseguir desempenhar uma leitura deixa a pessoa autônoma. Portanto, ela é muito necessária na sociedade, sendo uma fundamental aquisição para o ser humano. Dessa forma, Lima (2021) afirma que é importante dar voz aos alunos e não deixá-los apenas no lugar de ouvintes, pois, assim, poderão expor os conhecimentos que adquiriram. Sendo assim, ele propõe uma leitura direcionada para certos textos, em que o discente necessita ter uma visão crítica em relação ao que está aprendendo.

Quando as pessoas não são capazes de compreenderem a complexidade do mundo, elas se baseiam nos *frames* para interpretar as experiências e construir sentidos para a percepção dos textos. Por isso, é importante, na leitura, não haver o foco na decodificação das palavras, mas sim nos significados que elas evocam. Então, é significativo que os docentes proporcionem atividades de leitura que contribuirão para a ativação de *frames* dos alunos, levando-os a acionarem seus conhecimentos prévios, pois a linguagem e a realidade que os cercam estão relacionadas.

Em vista disso, é importante que proporcionem tarefas que busquem relacionar e organizar as informações de acordo com as complexidades do mundo e que possam ser colocadas em prática ao redor do aluno. Logo, é essencial que a cada nova leitura, que as informações possam ir se atualizando, gerando diferentes inferências para a construção do conhecimento, ampliando, assim, a sua compreensão. É importante que não tratem apenas as dificuldades que surgirem durante os trabalhos, mas também trabalhem com atividades relacionadas para a interpretação de mundo. Portanto, devem-se abordar estratégias que colaborem para que isso aconteça.

Outro fator importante que deve ser considerado é o de que para que se obtenha uma boa compreensão da leitura é necessário que, no início, o aluno saiba quais são os objetivos que se desejam alcançar, pois, assim, ele terá um controle da leitura. É imprescindível que ela seja efetivada de modo que conscientize o aluno, que gere e acrescente conhecimento, pois, dessa forma, o estudante conseguirá fazer inferências com o que já sabe. Dessa maneira, o

discente não a realizará de modo superficial, sem refletir sobre sua importância. Por esse motivo, também é essencial que ela não aconteça apenas de modo linguístico, sendo decodificada, visto que, assim, não contribuirá para uma boa formação do estudante.

Deve-se considerar também e apresentar para o discente que o uso de certos elementos na leitura possuem uma intencionalidade, logo, não se constituem de uma simples escolha, visto que eles são utilizados com certa finalidade, seja para dar ênfase em algo, para convencer o leitor, facilitar na compreensão etc. Por isso, a seleção de determinadas palavras em certos gêneros textuais é usada de forma planejada, que pretende, por exemplo, convencer o leitor de algo. Sendo assim, deve-se justificar a importância da contribuição dos *frames*, que auxiliam para a construção de sentidos a partir da leitura. Por isso, as palavras devem ser cuidadosamente selecionadas, pois sempre haverá uma intencionalidade por trás que será capaz de ser identificada por meio da semântica dos *frames*. Desse modo, é fundamental que se tenha um foco voltado para esses estudos, pois, nos dias atuais, em que surgem tantas notícias que não são verdadeiras, é importantíssimo saber identificar e realizar uma leitura crítica.

4 O porquê de se dar importância aos *memes* e como trabalhá-los em sala de aula?

Considera-se que as pessoas se comunicam por diversos meios, sejam por formas orais ou visuais. E, assim, entende-se que, para se falar de comunicação, é fundamental destacar os textos, os quais podem ser considerados importantes ferramentas, visto que se organizam de acordo com a necessidade da mensagem que se deseja passar.

Ao abordar sobre a noção de texto, Lima (2018) informa que para quem não é um estudioso da língua, geralmente tende a elencar essa palavra como algo relacionado a uma produção escrita. Já para os entendedores do assunto, como os linguistas, ela esclarece que pode não haver certa definição, de modo que a visão sobre “texto” pode mudar conforme os objetivos. Assim, apresentando a visão de Koch (2007), compreende-se que é

Uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos co-enunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (Koch 2007, p. 27 *apud* Lima, 2018, p. 10).

Dessa forma, percebe-se que a noção de “texto” pode organizar-se de acordo com as compreensões e interações tanto culturais quanto comunicativas. Logo, ele não é interpretado conforme cada elemento presente em sua estrutura, mas sim de acordo com as interlocuções que podem ser criadas, uma vez que um mesmo texto pode desenvolver mais de uma compreensão devido ao contexto que estiver inserido. Por esse motivo, consideram-se os gêneros textuais.

Conforme Lima (2018), existem diversos gêneros e que cada um tem suas próprias características e funções. Um ponto significativo é o de que alguns gêneros podem cair em desuso e, com isso, novos aparecem, ou seja, mesmo que muitos não sejam mais tão utilizados, sempre há o surgimento de outros. Com a chegada da internet foi possível comprovar tal afirmação, uma vez que, nesse espaço, apareceram novas oportunidades de releitura ou até mesmo de criação para outros gêneros textuais como os *memes*³, que têm repercutido recentemente. Este gênero que se constitui de uma mescla de textos verbais e não verbais tende a espalhar principalmente o humor nas redes sociais.

Desse modo, verifica-se o porquê de se dar importância aos *memes*. Deve-se ao fato de que ele é um gênero que tem circulado bastante na *internet*, tornando-se um dos mais populares entre as pessoas e que os estudos sobre eles ainda são bastante escassos. Sabe-se que muito do que é voltado para o tom humorístico são as charges e tirinhas, assim, tem-se o objetivo de estudar também o trabalho com os *memes*, demonstrando como o humor pode se desenvolver neles, analisando em como os recursos semânticos-textuais estão presentes e colaboram para dar o tom de humor no texto.

No entanto, esse termo não é tão recente quanto parece. Lima (2018) destaca que não se trata de um gênero novo, uma vez que ele foi criado pelo biólogo, Richard Dawkins, já há algum tempo, em 1976. Ao explicar como o estudioso determinou esse nome, ela explica que foi devido à evolução das espécies. O biólogo teorizou que não apenas características físicas eram passadas de geração para geração, mas também os sentimentos e a razão.

Segundo, Silva, Botelho e Ferreira (2020), para Dawkins

O termo memes foi concebido por Richard Dawkins, em sua obra o gene egoísta, que foi publicado em 1976. Dawkins (2007) pontua que o gene é uma representação natural e biológica do ser humano, e que o meme (s) seria seu gene cultural, pois é uma unidade de informação que é capaz de se multiplicar, por meios de ideias e informações que se propaga de cérebro para cérebro, ou seja, de indivíduo para indivíduo (Silva; Botelho; Ferreira, 2020, p. 305-306).

³ “Memes advém da abreviação mimeme de origem grega, que significa imitação. Eles têm a capacidade de atingir milhares de internautas em poucos minutos, e além de possuir uma linguagem acessível, são criados a partir de imagens icônicas” (Silva; Botelho; Ferreira, 2020, p. 303).

Assim, entende-se que ao dizer que os *memes* passam de cérebro para cérebro, ele passa de pessoa para pessoa, sendo compartilhado entre os indivíduos. Desse modo, compreende-se que a cultura humana também pode ser transmitida e evoluída.

Ao perceber tal consideração, o especialista procurou relacionar com algo parecido com a multiplicação dos genes, chamado de replicadores. Então surge a ideia de se criar um termo que explicasse essa evolução. A princípio, ao resgatar uma palavra de origem grega que significasse transmissão ou imitação, encontrou-se o termo “mimeme”. Porém, Dawkins gostaria que fosse um termo parecido com “gene”, logo, definiu-se como “meme”, que estaria próximo da palavra grega e ao mesmo tempo do termo da biologia. Entretanto, essa palavra ainda não é reconhecida nos dicionários mais tradicionais.

Lima (2018) explica que é provável que o termo tenha sido usado pela primeira vez na internet em 1998, em um site intitulado *MemePool*, plataforma que consistia em compartilhar mídias e *links* que as pessoas achassem engraçados. Depois disso, a palavra *meme* começou a ser amplamente usada e espalhada.

Todavia, segundo a pesquisadora, por ainda não ser possível encontrar uma definição para o termo nos dicionários mais tradicionais, muitos indivíduos ainda têm dúvidas do que pode ou não ser considerado um meme. De forma popular, “o que se entende por *meme* é qualquer elemento que seja retirado de seu contexto original, replicado em muitos outros contextos diferentes e que passa a ser caracterizado como um conteúdo humorístico” (Lima, 2018, p. 18). Pode-se considerar, portanto, que é um fenômeno que viraliza nas redes sociais, sendo capaz de ser apresentado com músicas, imagens, vídeos engraçados ou até mesmo por meio de frases.

Sobre a abordagem de *memes*, de acordo com a autora, é possível encontrar três características de replicadores, que seriam: a longevidade, em que diz respeito ao tempo que um *meme* ficará disponível, ou seja, quanto mais tempo ele estiver no meio tecnológico, maiores serão as chances de ser compartilhado; a fecundidade que está associada “a capacidade de difusão de um meme, isto é, a possibilidade de propagação ocupando espaço em veículos, quer sejam nossos cérebros ou qualquer outro suporte” (Horta, 2018, p. 34 *apud* Silva; Botelho; Ferreira, 2020, p. 306); e a fidelidade da cópia, que é a habilidade de um *meme* servir como base e gerar cópias com maior semelhança em relação ao original.

Um ponto relevante, conforme Lima-Neto (2020), é que os *memes* se replicam por imitação. Assim, podem ser comparados também a um vírus, pois eles se espalham pela sociedade. Logo, recebem o nome de viralização⁴.

De acordo com Silva, Botelho e Ferreira (2020), é importante destacar que o gênero mencionado passou a ter maior circulação devido ao impacto das tecnologias nos tempos atuais, podendo ser interpretado como um gênero multimodal, usado de forma humorística e que tende a espalhar determinados pontos de vista, já que ele, geralmente, é composto com assuntos do cotidiano.

Segundo Lima-Neto (2020), para Cavalcanti e Oliveira (2019), o *meme* é

Uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder a enunciados de situações diversas dos usuários da internet (Cavalcanti; Oliveira, 2019, p. 14 *apud* Lima-Neto, 2020, p. 2253).

Diante do que foi exposto, entende-se que seja fundamental inseri-lo nas práticas de ensino, pois fará com que o discente compreenda o que está estudando, uma vez que já estará familiarizado com o assunto abordado nele. Assim, segundo os autores, o gênero *meme* colaborará para uma formação tanto crítica e reflexiva quanto habilidades multissemióticas⁵ de leitura e escrita.

Dessa forma, surgem os questionamentos: como o gênero *meme* pode ser trabalhado nas salas de aula? Como ele pode levar o aluno a uma reflexão? Como relacioná-lo com as aulas de língua portuguesa?

É interessante ressaltar que, segundo Lima (2018), há algumas características presentes nos *memes* que ajudarão a encontrar respostas para os questionamentos que surgiram, tais como: o humor, que geralmente tem uma finalidade por trás; a intertextualidade, que busca origem em outros acontecimentos, uma vez que para compreendê-la é importante que o leitor consiga realizar certas inferências, por meio do conhecimento prévio resgatando o que for necessário; a ambiguidade, que pode ser usada de forma proposital para se atingir o que deseja, pois geram aos interlocutores um tom de humor; e a quebra de expectativa, em que se trata de um recurso bastante utilizado, principalmente

⁴ Ideia de propagação, repercussão.

⁵ “Os textos multimodais ou multissemióticos são os que apresentam em sua constituição diferentes elementos, como por exemplo, cor, movimento, música, tamanho da letra, vídeo, signos icônicos” (Carmelino, 2015, p. 22 *apud* Silva; Botelho; Ferreira, 2020, p. 312).

com o intuito de também gerar o humor, pois ocorre algo inesperado, surgindo algum elemento surpresa e que acontece de forma proposital.

Outro fator essencial é a adequabilidade das postagens nos locais em que esses *memes* são encontrados, que também é uma forma de ser trabalhada em ambiente escolar, promovendo reflexões, apontando as críticas e a ironia presentes sobre algum assunto.

A partir de tais considerações, compreende-se que o *meme* tem caráter interativo, pois ocorre de modo com que se relaciona com o sujeito que participa da enunciação e que a constitui. Além disso, percebe-se também que esse gênero pode se basear em outros, dado que usa como base algumas ideias e situações, considerando, portanto, como uma retextualização, ou seja, sempre há uma informação que servirá de base para a produção de *memes*.

Mais um ponto a ser destacado por Silva, Botelho e Ferreira (2020), e que é de extrema relevância em ser trabalhado em sala de aula, é que o *meme* surgiu para dar voz às pessoas que desejavam expressar suas opiniões. Logo, qualquer elemento exposto em uma rede social pode ser transformado em *memes*. Todavia, eles tendem a ter um prazo de validade, pois só serão compartilhados enquanto fizerem sentido. Além disso, outro fator que deve ser considerado é o de que a linguagem empregada também influencia na sua disseminação.

Assim sendo, Silva, Botelho e Ferreira (2020) expõem algumas características presentes no gênero *meme*, como contexto de produção e circulação, leitores que são previstos, quais os domínios discursivos, os objetivos, entre tantos outros. Eles justificam que acrescentar e trabalhar com esse gênero nas aulas de língua portuguesa pode ser muito colaborativo, pois ele tende a abordar assuntos que os alunos possuem bastante contato e poderão, assim, interagir mais, visto que será possível realizar análises reflexivas e enriquecedoras para a formação do alunado.

Por trás dos *memes* é possível se analisar e interpretar qual o interlocutor, qual a situação de comunicação, o conteúdo que está sendo exposto, a intenção das imagens, uso da comunicação verbal e não verbal etc. Além disso, o trabalho com os *memes* pode colaborar também para o incentivo à criatividade e à leitura analítica de questões sociais. Entretanto, os autores afirmam que textos multissemióticos ainda não são valorizados nas escolas, mesmo que contribuam de forma significativa para o desenvolvimento de leitura e formação crítica do discente.

Um ponto que não deve ser ignorado é o fato de que as tecnologias estão cada vez mais presentes na vida de um ser humano. Portanto, elas devem ser também trabalhadas dentro das escolas. É notório que possibilitam diversas contribuições para o ensino e é preciso

agregá-las nesse ambiente. O aluno tem de estar no lugar de sujeito no processo de aprendizagem, sendo o protagonista e realizando suas próprias construções. Desse modo, Silva, Botelho e Ferreira (2020) justificam que a presença de *memes* como um gênero, e que se manifesta nas redes sociais, pode fomentar a participação do alunado, além de ser possível trabalhar diversos conhecimentos que estão previstos no currículo escolar.

Segundo os pesquisadores, uma das constatações é a de que a expressão corporal é bastante importante para a análise de um *meme*. Ao citarem Schelles (2008), constata-se que o corpo “fala”, pois ele tende a inclinar e demonstrar quando uma pessoa pode estar mentindo ou pode dar ênfases a algumas coisas. Sendo assim, compreende-se que os recursos semióticos presentes nos *memes* também indicam sentidos, ou seja, foram utilizados com alguma intenção.

Percebe-se também que os gêneros estão relacionados a manifestações culturais e que devem ser levados em considerações os fatores históricos e sociais para que ocorra uma análise adequada. Logo, entende-se que os gêneros podem mudar conforme as necessidades enunciativas dos indivíduos que usam a língua em uma determinada sociedade e operar por meio de certas regras pré-estabelecidas.

Posto isso, considera-se que o trabalho com *memes* dentro de uma sala de aula é de extrema relevância, visto que colabora para o interesse do aluno, estabelece relações intertextuais, trabalha com questões sociais e com estratégias de múltiplas semioses. É notório que ele pode estabelecer uma relação verbal e não verbal, que permite ao estudante analisar e fazer inferências, além de efetuar críticas acerca do assunto, uma vez que as interações acontecem a partir de um discurso e que podem mudar conforme os conhecimentos particulares de cada indivíduo, pois demandam a compreensão de elementos que vão além do que está explícito.

5 A proposição do ensino de leitura através dos *frames*

Nesta seção, o intuito é abordar sobre como se podem aplicar algumas atividades em sala de aula. Por esse motivo, serão disponibilizadas algumas perguntas acerca dos *memes* escolhidos que são possíveis de serem realizadas no ambiente escolar, de modo que possam contribuir e inspirar para que esse trabalho seja efetuado. Entretanto, seria interessante, primeiro, perguntar aos alunos o que eles compreendem sobre o gênero *meme* e se há algum objetivo por trás dele. Em seguida, podem-se iniciar abordagens mais profundas a respeito de cada *meme* em específico.

A seguir, consta-se de uma apresentação e sugestão de alguns *memes* que foram selecionados e, em seguida de cada imagem, algumas perguntas que podem ser propostas:

a) Primeiro *meme* envolvendo o *frame* RESTAURANTE.



Figura 1. *Meme* Restaurante

Fonte: <https://pt.memedroid.com/memes/tag/restaurante>

- Quais fatores os levam a pensar sobre a idade de uma criança ser mencionada no *meme*? E o que você compreende sobre a reação do segundo personagem?
- Quais circunstâncias ou antecedentes podem ser considerados para a compreensão desse *meme*?
- Por mais que as imagens não correspondam com as de um restaurante, quais são as relações que podem ser compreendidas entre os elementos verbais e a imagem?
- Como as normas sociais em relação ao pagamento em restaurantes são representadas no *meme*? Como a atitude do pai em relação à situação reflete essas normas sociais e as expectativas em relação ao pagamento em estabelecimentos?
- Como as pessoas geralmente reagem a situações similares na vida real, levando em conta as normas sociais e culturais?
- Qual é o papel da honestidade na interação entre o pai e o filho? Qual é o significado da reação do pai ao ser "desmascarado" em relação à veracidade e sinceridade?
- Como o humor é utilizado no *meme* para criar uma situação cômica?

b) Segundo *meme* também compreendendo o *frame* RESTAURANTE



Figura 2. *Meme* restaurante chinês

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/578079302147063793/>

- Como os *frames* culturais em relação à culinária são representados no *meme*?
- Qual é a expectativa da cliente em relação à preparação da comida no restaurante chinês?
- A princípio, quando alguém escolhe ir a um restaurante de comida chinesa, espera-se que ela encontre determinado tipo de cardápio. Como o *meme* usa a situação para criar humor, considerando as diferentes percepções sobre a culinária chinesa? Dessa forma, o que se pode pressupor? Para você, de alguma forma, o *meme* faz sentido, ou seja, possui alguma relação entre o *meme* e um restaurante chinês?
- Em seguida, na segunda parte do *meme*, surge outro motivo que também colabora para que o humor aconteça mais uma vez. Como a cliente interpreta a situação com base em sua própria cultura e experiências linguísticas? Era isso que você esperava que acontecesse? E o que te leva a entender o humor presente? Ele se baseia em estereótipos culturais?
- Logo, é possível responder: o que e por que gera a quebra de expectativa no *meme*?

c) *Meme* envolvendo o *frame* ESCOLA



Figura 3. *Meme* Escola

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/675047431634354132/>

- Como o comportamento dos alunos em relação a se voluntariar para ir ao quadro é representado no *meme*?
- O que esse comportamento revela sobre as atitudes dos alunos em relação às atividades na frente da classe?
- Qual a conclusão que pode ser tirada com esse *meme*? Ou seja, como a relação entre alunos e professores é ilustrada? O que ele sugere sobre o receio ou a hesitação dos alunos ao interagir com o professor em um ambiente de sala de aula?
- A pressão dos colegas pode influenciar o comportamento dos alunos em uma situação como essa? E quais são as expectativas dos alunos em relação às reações de seus colegas quando alguém é chamado ao quadro? Como a percepção pública dos alunos é afetada por sua resposta à pergunta do professor?
- É possível pensarmos em outros exemplos ou situações no ambiente escolar em que essa mesma imagem possa ser utilizada, mas com elementos verbais diferentes? Quais?

d) *Meme* envolvendo o *frame* ELEIÇÃO



Figura 4. *Meme* Eleição

Fonte: <https://www.criatives.com.br/2018/11/12-memes-hilarios-resumem-como-foram-as-eleicoes-no-brasil-esse-ano/>

- Quais informações presentes no *meme* contribuem para que haja uma compreensão e relação adequada da mensagem que pretende ser transmitida?
- Como o *meme* representa a participação política dos cidadãos durante as eleições?
- Qual a relação do uso de “esportes radicais” com a imagem?
- Conhecendo o cenário e a forma como foi retratada, qual a crítica expressa no *meme* que está sendo problematizada?
- Como o comportamento dos políticos é implicado no *meme*? Qual é a relação entre a ação dos políticos e a situação retratada?
- Vocês veem isso como uma crítica ao comportamento dos políticos durante as eleições?

6 Considerações Finais

Neste trabalho, o objetivo foi o de esclarecer em como é possível se trabalhar com um ensino de leitura mais esclarecedor e que possa chamar a atenção do estudante, de modo que possa interessá-lo, visto que, em muitos casos, tem se tornado cada vez mais desafiador o seu ensino dentro de uma sala de aula.

Diante do que foi exposto, compreende-se que quando o leitor está realizando a leitura de certo texto, acontece uma mescla de informações, pois cada pessoa ativa seus conhecimentos prévios, selecionando o que mais lhe interessa, visto que as integrações são

construídas de acordo com os *frames* de cada indivíduo junto das informações contidas nele. Estes *frames* estão relacionados com a estrutura do ambiente, contribuindo para a construção de sentido ao compreender o mundo ao seu redor. Logo, entende-se que essas compreensões podem ser alteradas ou até mesmo acrescentadas devido às interações que o ser humano desenvolve com o meio social que o cerca.

Por esse motivo, propor um ensino de leitura por meio dos *frames* enquadra-se em uma abordagem que visa melhorar sua compreensão, procurando encorajar os alunos a usarem seus conhecimentos pré-existentes para interpretar e compreenderem um texto, podendo ser aplicado em diversos gêneros textuais.

Como os *frames* são reconhecidos de forma em que os esquemas organizam o conhecimento e a compreensão sobre determinado assunto, eles podem colaborar para que ajudem os estudantes a interpretar as informações contidas em um texto e passem a entendê-lo. É importante que, com esse trabalho, a presença do professor também seja considerada de extrema necessidade, uma vez que ele conduzirá e orientará o aluno para que identifique o que pode ser mais relevante em certos conteúdos expostos. Entretanto, deve-se destacar que o docente não pode ser autoritário e exigir construções de sentido tão restritivas, pensando que a interpretação do discente deve ser levada em consideração.

Para isso, é necessário um esforço por parte dos professores para que consigam realmente orientar o que está sendo proposto e a os conduzirem nesse processo de análises e reflexões, pois se houver um trabalho bem-feito, eles conseguirão encorajar os alunos a considerarem suas próprias bagagens culturais e pessoais e permitirão que façam o mesmo em diversos outros textos, mesmo quando não estiverem contando com a ajuda do profissional.

Assim, nota-se que tal proposição desafia os alunos a participarem desse momento de leitura e a reconhecerem os *frames* que podem estar presentes naquele texto. Para isso, eles precisarão estar atentos e verificando em como cada ponto de vista pode estar sendo apontado e se há a presença de termos que os induzirão para determinadas concepções e condutas.

Ao exemplificar para o aluno o porquê da importância da leitura, deve-se esclarecer que é necessário que ele não leia apenas palavras por palavras sem adquirir sentido para o que está lendo. Em vez disso, ele precisa saber que se deve ler de forma mais profunda, mesclando suas experiências e conhecimentos prévios, deixando claro que o que ele já sabe irá interferir sobre o entendimento do texto.

Por meio da atividade proposta, nota-se que é possível encontrar algumas maneiras de se chegar até aos alunos, de modo que possa colaborar para que eles consigam acionar seus conhecimentos prévios. Com a ajuda dos *memes*, pode-se perceber que isso tem maior

facilidade de acontecer, pois, por meio deles, compreende-se que podem existir diversas reflexões ou até mesmo críticas diante de determinados assuntos e que é algo capaz de os discentes perceberem e acionarem por meio de seus conhecimentos anteriores.

Sendo assim, o ensino de leitura através dos *frames* busca desenvolver a capacidade dos alunos de ler de forma mais crítica e contextualizada. Desse modo, eles aprendem a considerar múltiplas perspectivas, a questionar suas próprias circunstâncias e a reconhecer como a interpretação de um texto pode variar dependendo do contexto do leitor. Além disso, esse ensino ajuda os estudantes a se tornarem leitores mais críticos e conscientes, desenvolvendo habilidades essenciais em diversas disciplinas e na vida.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Patricia Ferreira; VARGAS, Diego da Silva. Inferências e atividades de leitura: cognição e metacognição em sala de aula. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 63, p. 1-14, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/ce.l.v63i00.8660188>.
- CHISHMAN, Rove. A visão enciclopédica dos frames semânticos. **Letrônica**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 34139, 10 out. 2019. DOI: 10.15448/1984-4301.2019.2.34139. EDIPUCRS. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/34139>.
- DUQUE, Paulo Henrique. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, 2017.
- FERRARI, Lilian. Frames e Modelos Cognitivos Idealizados. In: FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 49-58.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A ESCOLA E O ENSINO DA LEITURA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49, 2002.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1. p. 11-21.
- KLEIMAN, Angela B.. Abordagens da leitura. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 2004.
- LIMA, Janderley Costa de. Leitura e cognição: construindo sentidos entre fatos e opiniões. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Uberaba, MG, v. 8, n. 1, p. 317-332, 2021.
- LIMA, Joyce Henrique Barbosa de. **RECURSOS SEMÂNTICO-TEXTUAIS NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR: uma análise do gênero meme**. 2018. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras - Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- LIMA-NETO, Vicente de. MEME É GÊNERO? QUESTIONAMENTOS SOBRE O ESTATUTO GENÉRICO DO MEME. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, [S.L.], v. 59, n. 3, p. 2246-2277, set. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/01031813834991620201116>.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 22-81.
- MEDEIROS, Ilana Souto de. Frames: da teoria à prática (frames. **Estudos da Língua(Gem)**, [S.L.], v. 17, n. 3, p. 85, 30 set. 2019. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22481/el.v17i3.5931>.
- SANTOS, Josemar dos; GABRIEL, Rosângela; VANIN, Aline Aver. Leitura com lupa: a semântica de frames e a formação do leitor crítico. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 47, n. 90, p. 14-25, 2022.
- SILVA, João Miller da; BOTELHO, Stela Mara; FERREIRA, Helena Maria. O TRABALHO COM GÊNERO MEME EM SALA DE AULA: potencialidades para a formação do leitor. **Periferia**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 302-321. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/periferia.2020.44346>